



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA**

INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS

BACHARELADO EM HUMANIDADES

CÁSSIA SANTOS DE OLIVEIRA

**AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO CANDOMBLÉ DE SANTO
AMARO**

São Francisco do Conde - BA

Julho/2017

CÁSSIA SANTOS DE OLIVEIRA

AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO CANDOMBLÉ DE SANTO AMARO

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel (a) em Humanidades.

Área de habilitação: Bacharelado Humanidades

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cláudia Cardoso Ferreira.

São Francisco do Conde

Julho de 2017

CÁSSIA SANTOS DE OLIVEIRA

AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO CANDOMBLÉ DE SANTO AMARO

Trabalho de conclusão de curso de graduação, modalidade projeto de pesquisa, apresentado a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 01/08/2017

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Bruno Amaral Andrade

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Profa. Dra. Cristiane Santos Souza

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Profa. Dra. Maria Cláudia Cardoso Ferreira (orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1. Introdução.....	5
1.1. Religião Afro-brasileira: Candomblé.....	5
1.2. A mulher no Candomblé.....	8
1.3. O Candomblé no Recôncavo Baiano	9
1.4. Bembé do Mercado: O Discurso da Memória	11
2. Apresentação da problemática da pesquisa	14
3. OBJETIVOS.....	15
3.1. Objetivo Geral	15
3.2. Objetivos Específicos	15
4. REVISÃO DE LITERATURA	16
5. JUSTIFICATIVA.....	20
6. QUADRO TEÓRICO.....	21
7. METODOLOGIA.....	23

1. INTRODUÇÃO

1.1.RELIGIÃO AFRO-BRASILEIRA: CANDOMBLÉ

O candomblé é uma das tantas religiões afro-brasileiras e é a primeira a ser citada quando se trata desse assunto. Ela é uma construção de culturas e religiosidades praticadas no continente africano, trazidas pelos povos africanos, que apesar das circunstâncias e da sua condição de escravizados conseguiram dar uma nova roupagem e significados. Com o tráfico de escravos foram trazidos africanos de diversos grupos étnicos, englobava escravizados da Guiné Portuguesa (Costa da Malagueta), do Golfo da Guiné (Costa da Mina), Angola e a Contra Costa (Moçambique). (CARNEIRO, 2008)

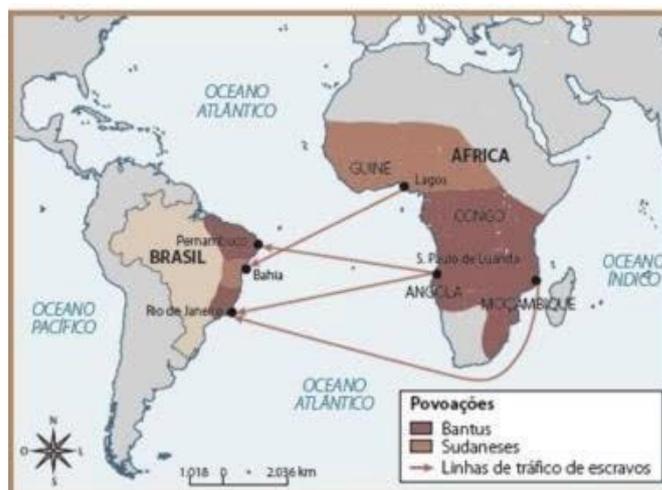


Figura SEQ Figura * ARABIC 1- Linhas de Tráfico de Escravos África - Brasil

Esses escravizados eram subdivididos por nações, que hoje no candomblé correspondem pelas divindades cultuadas, à língua usada nos cultos e pelos ritmos que os atabaques são ministrados. Os da nação Ketu/Nagô¹ cultuam os orixás e os cantos entoados nas cerimônias são todos cantados em iorubá, os da nação Angola-Congo nomeia seus deuses de inquices e usam a língua Kimbundo e Kinkongo, línguas do tronco banto. E os da nação

¹ Os grupos étnicos de fala iorubá que vieram para o Brasil eram geralmente chamados de nagôs pesquisas etnológicas e historiográficas têm mostrado a diversidade desses grupos, de que nos ficaram os etnônimos mais correntes, Oió, Ketu, Ijexá, Egbabo. (COSTA LIMA, 1976, p.73).

Jeje² cultuam os Voduns e a língua usada nos cânticos é Ewê. Contudo para alguns estudiosos essas diferenças não têm muita relevância na questão essencialista da religião, mas se pode notar em todas as nações uma influência religiosa dos iorubas, ou seja, da nação Ketu/Nagô, assim diz Edison Carneiro:

[...] os candomblés de Angola só se diferenciam do jeje-nagô por particularidades relativamente sem importância de ritual, de toque, de dança, às vezes de língua. Em todos, sem exceção, ora mais, ora menos, se pode notar influência religiosa dos negros de iorubá. (CARNEIRO, 2008, p.50)

Essa influência iorubá ocasionou em uma supremacia dos nagôs perante as outras nações, isso devido ao enfraquecimento do reino de Oyo³, onde as cidades não dependiam mais do poder de Alafin⁴, fato que ocorreu no início do século XIX. Com a queda do reino os povos iorubas passaram a ser caçados e entre os capturados estavam os sacerdotes dos orixás que possuía os conhecimentos dos fundamentos ritualísticos da religião. É nessa mesma época que se registra a entrada de muitos integrantes dos povos iorubás no Brasil e principalmente na Bahia. Muito dos escravizados eram os sacerdotes que foram capturados. E com a concentração de um grande número de escravizados dessa etnia e com o enfraquecimento da exploração das minas, fez com que escravizados dessa etnia se concentrasse no estado da Bahia e com isso foi possível que eles se organizassem já que os núcleos familiares não foram tão desconstruídos como acontecia no início da escravatura, permitindo assim o fortalecimento da cultura e dos costumes nagô. Assim, "os nagôs logo se constituíram numa espécie de elite e não tiveram dificuldade de impor à massa escrava, já preparada para recebê-la, a sua religião, com que esta podia manter a fidelidade à terra de origem, reinterpretando à sua maneira a religião oficial". (CARNEIRO, 2008, p.9).

O culto praticado pelos nagôs se torna oficialmente organizado a partir da fundação do primeiro terreiro no final do século XVIII e início do século XIX. Não se sabe ao certo a data da sua fundação, somente que nesse período nasce o candomblé do Engenho Velho, a princípio foi instalado na Barroquinha e depois mudou várias vezes, passando pelo Calabar na Baixa de São Lázaro. Hoje se encontra localizado na Avenida Vasco da Gama s/nº, em Salvador na Bahia. (VERGER, 2002) Sendo o primeiro a funcionar regularmente e de extrema importância para o surgimento dos demais terreiros existentes hoje, como afirma

² O termo jeje, não há dúvida que o mesmo se refere aos grupos étnicos do Baixo Daomé - especialmente os fô e os gú. (COSTA LIMA, 1976, p.72).

³ Foi um império da África Ocidental localizado no que é hoje o sudoeste da Nigéria e o sudeste do Benim.

⁴ O rei dos iorubás tem ainda hoje o título de Alafin, que significa Senhor do Afin, isto é, do Palácio. (COSTA LIMA, 1976)

Carneiro (2008, p.53): “O candomblé do Engenho Velho deu de uma forma ou de outra, nascimento a todos os demais e foi o primeiro a funcionar regularmente na Bahia”.

A fundação do Engenho Velho se deu por três mulheres negras da Costa. Não se tem muitas informações da história de vida delas, apenas se sabe seus nomes africanos, que são: Adetá (Iá Detá), Iá Kalá e Iá Nassô. A partir das sucessões dos postos de sacerdotisas, aconteceu na história do Engenho Velho conflitos de poder que foram fundamentais para a fundação de outros dois principais terreiros da cidade de Salvador, O Ilê Iá Omin Àsé Iyámasse (Gantois) e Ilê Axé Opô Afonjá, e que ao longo dos anos deram origens aos demais terreiros existentes. Esse conflito originou após o mandato de Marcelina:

Por ocasião da morte de Iá Nasso, a fundadora e primeira Ialaxé do Ilê Omi Àsé Airá Intile (a Casa Branca do Engenho Velho), o Terreiro “passou para as mão” de sua sucessora imediata, a Iyalorixá Obá Tossi, Oni – Xangô, Sra. Marcelina da Silva Asipá. Em 1895 morre Iá Obá Tossi deixando um trono que passa a ser disputado por Maria Júlia da Conceição e Maria Júlia Figueiredo. Finalmente, sua filha Maria Júlia Figueiredo, que já ocupava o cargo de Iá Kekeké ocupa a cadeira de Iá [...]. (RODRIGUÉ, 2001, p.45-46)

Perdendo o posto para irmã, Maria Julia da Conceição funda o Ilê Iá Omim Asé Iyámasse, terreiro conhecido como o Gantois, no qual foi dirigido, anos depois por uma das Ialorixá mais famosas da Bahia, Maria Escolástica da Conceição Nazaré, mais conhecida como Mãe menininha.

A Sra. Maria Júlia da Conceição afasta-se da “Casa Branca” e funda outro Ilê Àsé, na companhia das demais dissidentes da época. [...] dessa dissensão emergem duas casas ramas, [...] O Ilê Iá Omin Àsé Iyámasse (Gantois) e Ilê Axé Opô Afonjá, [...] Nessa mesma ocasião, Eugênia Ana dos Santos – filha de Axé da “Casa Branca” – ao lado de Joaquim Vieira da Silva, Obá Sanya, afasta-se também, não concordando com a sucessão assumida por Maria Júlia Figueiredo, época em que ela na companhia de Joaquim (Obá Sanya) e Rodolfo Martins de Andrade (Bamgbosé Obitiko) partem para o Rio de Janeiro e fundam uma casa de Orixá no bairro da Saúde. Mais tarde retornam à Bahia e fundam o Ilê Axé Opô Afonjá na cidade de Salvador. (RODRIGUÉ, 2001, p. 45-46).

Novas divergências na Casa Branca contribuíram para o nascimento de outros terreiros e com isso o culto organizado foi levado para outro estado como Rodrigué nos mostrou, e como Pierre Verger (2002, p.21) também nos mostra:

No Estado do Rio de Janeiro instalaram-se inúmeros candomblés, originários dos três terreiros kêto da Bahia. Citemos entre os mais prestigiosos, o Axé Opô Afonjá em Coelho da Rocha, ligado àquele de mesmo nome, estabelecido na Bahia pela célebre Aninha; em Miguel Couto, o terreiro de Nossa Senhora das Candeias, fundado por Nitinha de Oxum, Filha-de-santo de Tia Massi da Casa Branca da Bahia.

O lado positivo nessas divergências foi que elas contribuíram para conquista de novos espaços e dispersou os saberes. Do terreiro da Casa Branca também saíram as principais lideranças do terreiro Ilê Maroialaji ou Terreiro de Alaketu, comandado pela conhecida sacerdotisa Olga de Alaketu.

1.2.A MULHER NO CANDOMBLÉ

Como vimos no início da história do candomblé, as mulheres que foram as fundadoras e, a princípio, as únicas a assumir o posto espiritual dentro da religião. No continente africano era muito diferente, pois somente os homens detinham o poder de se comunicar com as suas divindades “[...] na África é o homem quem detém o poder religioso. Para explicar essa troca de poder religioso entre os sexos torna-se importante reconstruir o cotidiano da mulher negra”. (BERNARDO, 2005 p.2)

O que se cria aqui no Brasil é uma construção desses cultos e não cópia fiel destes, pois isso seria impossível já que como estratégia contra as rebeliões os escravizados eram misturados em diferentes grupos étnicos a fim de não conseguirem manter uma comunicação e evitar uma empatia diante de tantas diferenças (CARNEIRO, 2008). Independentemente disso a condição de escravos os unia, possibilitando a reorganização da sua fé, e os primeiros passos foram dados pelas mulheres. É provável que o protagonismo das mulheres tenha ocorrido porque elas eram mais alforriadas do que os homens, já que eles eram mais usados como mão de obra em diversos trabalhos durante a escravidão. As mulheres também podem ter conseguido mais autonomia porque eram elas que lidavam com o comércio. Atividade que traziam de experiência desde o continente africano. Aqui se reinventaram e novamente ganham as feiras. Surgem as ganhadeiras que com seus tabuleiros vendem seus quitutes, conseguem guardar dinheiro que futuramente iria possibilitar a comprar da própria alforria, bem como a liberdade de algum familiar ou companheiro (LIMA, 2014). Conquistando a sua liberdade e atingindo os espaços públicos essas mulheres conseguem construir e fortalecer laços afetivos, com isso organizam as festas cumprindo um papel de liderança e se tornam protagonistas dos cultos.

O predomínio das mulheres no candomblé também pode ser compreendido por conta da divisão sexual do trabalho já que este era visto também como uma tarefa feminina pelo fato de serem necessários afazeres domésticos na dinâmica dos terreiros, como: cozinhar para os orixás, ornar a casa, cuidar do altar, e cuidar da educação das mulheres e crianças nos

terreiros (CARNEIRO, 2008). Com isso no candomblé só quem possuía posto espiritual principal era as mulheres, somente depois de algum tempo que essa realidade mudou. Nos dias atuais os homens também ocupam o posto de sacerdote no candomblé, contudo procuram se espelhar nas Mães de Santos e acabam reproduzindo as mesmas atitudes e agindo de forma semelhante, no que diz respeito a gesticulações e expressões denominadas femininas. As práticas de transe e possessão em si já contribui para a construção desse comportamento, como afirma Patrícia Birman (1991, p. 51):

[...] a possessão, implicitamente, 'feminiliza' os indivíduos do sexo masculino e, ao lado disso, produz outro efeito: transforma o candomblé numa linguagem de duplo sentido. Com efeito, observar filhos-de-santo num toque, exercendo a dança dos orixás, poder apreender também um outro sentido, não explícito, obscuramente sexual, desta dança.

No candomblé existe um sistema hierárquico no qual as funções⁵ destinadas às mulheres são todos permanentes e as destinadas aos homens muitas vezes são temporárias e de reconhecimento. Edison Carneiro (2008) ainda nos revela que no candomblé apesar das mudanças os nomes de mulheres são mais importantes do que dos homens e entre os mais conhecidos e citados estão o da Tia Massi, Mãe Menininha, Dionísia e Emiliana⁶.

1.3.O CANDOMBLÉ NO RECÔNCAVO BAIANO

O recôncavo baiano é um dos redutos da nossa herança africana e Santo Amaro da Purificação é uma das cidades que abriga essas memórias até os dias atuais. Machado (2014) nos aponta que falar sobre o recôncavo é refletir sobre sua configuração espacial, que está envolvido em uma organização muito mais ampla, nos quais se articulam os aspectos históricos, socioeconômicos, políticos e ideológicos, que têm uma relação com as questões da paisagem e território. Assim o recôncavo é definido pelas relações socioeconômicas determinadas pela colonização e pela experiência da escravidão.

⁵ Dentro das diversas funções podemos citar: as auxiliares é iamorô que acompanha as mães nos serviços religiosos; a dagã e a sidagã ficam encarregadas do Padê de Exu; a iabassê cozinha para os orixás; e a iatebexê inicia os cânticos das festas. (todas essas funções são citadas são tipicamente de uma casa de nação nagô)

⁶ Tia Massi (foi a quinta Iyalorixá do Candomblé da Casa Branca do Engenho Velho), Mãe Menininha (Foi a quarta Iyalorixá do Terreiro do Gantois), Dionísia (Iyalorixá do Ilê Maroíá Láji” o famoso “Terreiro do Alaketu) e Emiliana (comandou dos anos 30 aos anos 50 o Terreiro do Bogum).



Figura SEQ Figura * ARABIC 2 - Mapa da localização do município de Maragogipe
 Fonte: Brasil (2002); IBGE (2010) (adaptado).

As atividades econômicas desenvolvidas no período colonial na região do recôncavo sustentaram a economia de todo o estado da Bahia, principalmente o cultivo de cana de açúcar dos engenhos do Iguape, Santo Amaro, São Sebastião do Passé e São Francisco do Conde. Só na cidade de Santo Amaro foram catalogados 237⁷ engenhos e existia uma grande concentração de homens e mulheres escravizados. Algumas mudanças foram cruciais para a modificação da dinâmica no recôncavo, a principal foi à abolição da escravatura e o processo de urbanização dessa região. Assim:

A partir de 1950, a descoberta de combustível fóssil, primeiro em Salvador, depois nas cidades do recôncavo como São Francisco do Conde e São Sebastião do Passé, ocasionou o deslocamento econômico, redefinindo a importância econômica dos antigos centros de produção açucareira. Esse contexto teve como principal desdobramento a construção da primeira refinaria de petróleo no Brasil, a Refinaria Landulpho Alves, localizada em São Francisco do Conde. (MACHADO, 2014, p.35)

Com essa nova demanda, se necessitava de um planejamento urbano eficaz, na qual a mão de obra deveria ser qualificada e se fazia necessário uma reorganização produtiva com inserção de mão-de-obra local na nova lógica industrial. Porém não foi o que aconteceu e com isso houve uma desestruturação das propriedades rurais, fazendo com que umas das principais cidades do recôncavo, em termos econômicos, se tornassem apenas um polo. Essa era a realidade da cidade Santo Amaro após essas mudanças, com isso nos mostra Machado (2014, p.36):

Na ilusão de melhorar as condições dos moradores, em função da oferta de trabalho e em nome do “progresso”, no ano de 1956 foi instalada, no município de Santo Amaro, a Companhia Brasileira de Chumbo – COBRAC. Nesse período, teve início uma intensa atividade de extração do chumbo no município.

A cidade de Santo Amaro viu na empresa COBRAC, a fuga para sair daquela situação de enfraquecimento econômico, à medida que via as suas vizinhas se desenvolverem economicamente, como é o caso de Camaçari com a implantação do polo Petroquímico e a

⁷ Ver Machado (2014)

cidade de Feira de Santana que com a construção das rodovias BR 101 e BR 324 passa a ser o centro que ligaria as relações comerciais do estado. Contudo a COBRAC deixa um legado desastroso para a cidade:

Os resíduos de chumbo e cádmio, típicos dessas atividades, constituem-se em elementos químicos de elevado poder de contaminação, comprometendo o ar, o solo, a água e, sobretudo a população da cidade. [...] Para agravar ainda mais a situação, foram utilizados resíduos e escória pela administração municipal para aterro das ruas. Os moradores da cidade, segundo o mesmo procedimento, também utilizavam tais escórias para aterrarem os quintais das suas casas, contaminando grande parte da cidade. [...] A empresa encerrou suas atividades em 1993, deixando para trás destruição e doença. (MACHADO, 2014, p. 36-37)

Como Machado (2014) nos mostra, a cidade sofreu danos ambientais, em que os rios e os manguezais foram poluídos, destruindo uma das formas de sustento das famílias mais necessitadas. A saúde pública foi fortemente prejudicada, contudo a principal prejudicada foi à população negra que se localizava nos bairros periféricos como o bairro do Bonfim, Sacramento, Derba, Pilar e Trapiche de Baixo. Ainda hoje essa população sofre com diversos problemas típicos que acometem os bairros periféricos como: desemprego, péssimas condições de moradia, saúde, lazer e a violência, que vem crescendo com o tráfico de drogas. São nesses bairros que estão localizados os mais antigos Terreiros de Candomblé da cidade e é neles que moram as pessoas que ajuda a organizar e participam do Bembé do Mercado.

1.4.BEMBÉ DO MERCADO: O DISCURSO DA MEMÓRIA

O Bembé é uma manifestação religiosa que acontece especialmente na cidade de Santo Amaro até nos dias atuais. O evento rememora a ação empreendida pelos moradores da cidade que saíram dos seus terreiros no dia 11 de maio de 1889, para comemorar a abolição da escravatura realizada oficialmente no 13 de maio do ano anterior. Essa cerimônia se repete e com isso estabelecem na nossa memória como as comunidades se organizam para realizar suas práticas e ganhar o espaço público. Ainda Machado (2014) nos relata que as memórias são discursos, e que neles se expressam as afetividades, a solidariedade e também os conflitos e disputas. A memória que esses indivíduos trazem ao reproduzir toda a dinâmica do Bembé são os elementos para a nossa construção social.

A história do Bembé começa com João Obá, negro, ex-escravizado da etnia Malê, que no dia 11 de maio de 1889, junto com seus filhos e filhas saem do Terreiro para agradecer aos Santos pela liberdade conquistada.

[...] armou um caramanchão na área da Ponte do Xereu, e bateu Bembé, lá sem rituais privativos e sem manifestações de Santo. Esta festa precedeu o dia 13 de maio, pois os rituais eram feitos em três dias, por isso foi iniciado no dia 11 de maio. No dia 13 foi levado em saveiros e canoas o presente da Mãe D'Água [...] (PAIM, 1999).

A ação que João Obá teve em organizar o Bembé estabelecia relação de semelhança com as atitudes dos pescadores em entregar presentes como flores e perfumes a Mãe D'Água que ia ser entregues acompanhados de batuques emitidos pelos tambores e atabaques.

Para a organização do Bembé, o povo de santo, junto com os pescadores usavam artifícios para conseguir arrecadar dinheiro para festa. Era passado um livro de ouro que era assinado pelos comerciantes no mercado municipal e os pescadores negociavam seus pescados com intuito de juntar uma quantia para também contribuir e as mulheres doavam perfumes, flores e outros presentes para serem entregues no último dia da festa.

Existe uma narrativa em torno da estória do Bembé que diz que quando não fosse realizado o Bembé, as vendas no mercado cairiam, haveria uma estiagem na pescaria e a cidade sofreria com alguma catástrofe. E alguns fatos que aconteceram na história de Santo Amaro foram associados ao não cumprimento do Candomblé de Rua, como nos diz Zilda Paim (1999): “Certa feita o delegado de polícia, não deu consentimento para bater o Bembé, dias depois ele sofreu um acidente na estrada de Oliveira dos Campinhos, ficando a sua esposa com um defeito físico”. Em 1958, acontece outra tragédia que foi tida como castigo: “o prefeito proibiu a apresentação do Bembé, neste ano deu-se a explosão de fogos no mercado, matando mais de 110 pessoas e ferindo mais de 500”. Houve também em 1989 umas das maiores enchentes da história de Santo Amaro e foi atribuída a não celebração do Bembé⁸.

Hoje muita coisa mudou na organização do Bembé. Quem o financia é a prefeitura, barracas vendendo bebidas e quitutes foram aderidos, assim como apresentações musicais e a coordenação é feita por um terreiro apenas. Os demais participam como convidados e até os das cidades vizinhas vêm prestigiar. Os fundamentos do Bembé são respeitados. Acontecem três cerimônias: a reverência aos ancestrais fundadores da festa, a oferenda a Exu, essa acontece em diversos lugares da cidade e os diversos ritos destinados a Iemanjá que inclui a entrega do presente, que finaliza a festa. (MACHADO, 2014)

⁸ Narrativa contada pelos moradores de Santo Amaro, principalmente aqueles com mais idades.

Em seus escritos Machado (2009) nos traz informações a respeito dos terreiros de candomblé e de suas respectivas lideranças na cidade de Santo Amaro. Cita o terreiro Ilê Axé Oju Onirê, como uma das casas de santo com grande prestígio. Fundado nos anos 90, tendo como líder religioso babalorixá José Raimundo, conhecido por todos na cidade como Pai Pote. Esta liderança religiosa assumiu a responsabilidade de organizar os ritos do Bembé por quatro anos consecutivos. O prestígio que esse babalorixá possui se atribui a sua origem ritual que é o terreiro Viva Deus de Santo Amaro/Ilê Axé Omin J'Jarrum que fica localizado no bairro do Pilar e é um dos terreiros mais antigos da cidade conduzido por Umbelina. Cita também o terreiro Ilê Erume-Fá que foi responsável pelo Bembé durante três décadas até a morte do babalorixá Euclides Silva (conhecido como Tidu) que deixou a liderança para ialorixá Donália de Xangô.

Por mais que não seja a intenção da autora em problematizar as relações sociais nos terreiros de candomblé em Santo Amaro, ela nos revela que em muitas dessas relações havia uma troca de favores que beneficiava ambas as partes, mas que concebia um prestígio maior a um dos lados. Como por exemplo, a fama que é atribuída a Tidu, teve grande contribuição da ialorixá Lurdes, que na época era sua esposa, e que compartilhou conhecimentos fundamentais dos cultos aos orixás.

As estratégias dos pais e mães de santo foram, a meu ver, respaldar a casa de Tidú. Ele parecia reunir as condições para liderar os embates vividos na manutenção do Bembé. Entretanto é necessário analisar que por trás do prestígio de Tidú, as ialorixás mais velhas e os ogãs mais respeitados lhe respaldavam. Lídia e o ogã Noca estavam ligados a ele por laços de consideração e relações religiosas (MACHADO, 2009, p.83).

Contudo, nos revela que os laços de solidariedades muito contribuíram para que as mulheres pudessem possuir suas casas, vistos que economicamente elas se encontravam sem condições. Como exemplo o terreiro Ilê Ia Oman uma das casas significativas localizada no bairro do Bonfim, sendo liderado pela ialorixá Lídia recebeu ajuda do ogã Noca de Jacó para a sua fundação, sendo que anterior à mãe Lídia, Noca já vinha ajudando a ialorixá Valéria que foi a que antecederia o axé. Valéria não conseguiu ter sua própria casa e todas as suas obrigações eram feitas em casas alugadas. (MACHADO, 2009).

2. APRESENTAÇÃO DA PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

A síntese apresentada até aqui nos ajuda a compreender o cenário que ocorrerá a minha pesquisa. A questão a ser levantada diz respeito à liderança da mulher no candomblé da cidade de Santo Amaro. Edison Carneiro nos alerta em seus escritos que existe uma concorrência masculina no candomblé que aparece desde o momento em que os homens têm conseguido ocupar o posto principal dentro da religião, e mesmo que, em algum dado momento e local eles têm se tornado maioria. Era ainda os nomes das mulheres os mais citados e respeitados dentro dessa esfera social. No entanto em Santo Amaro a maioria dos terreiros é liderada por mulheres, mas o que podemos perceber superficialmente é que em momentos pontuados que diz respeito a representatividade religiosa a voz feminina é apenas coadjuvante, pois são os líderes homens que estão na frente das câmeras, na organização dos projetos, na liderança das associações, na organização do Bembé e seus nomes são citados como refere na cidade. Nesse sentido buscarei investigar a trajetória de vida de Ialorixás e Babalorixás de Santo amaro com o intuito de compreender essa disparidade de poder e analisar como essas mulheres lidam com essa realidade e com as diversas situações de subalternidade.

3. OBJETIVOS

3.1.OBJETIVO GERAL

Compreender as relações de poder existentes entre os homens e mulheres nos terreiros de candomblé em Santo Amaro.

3.2.OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Verificar como as lideranças religiosas femininas e masculinas têm construído seus espaços de atuação e representação na cidade;
- Apontar como o papel de liderança de candomblé é difundido na comunidade santamarense;
- Problematizar as relações de gênero nos espaços de religiosidade de matriz africana;

4. REVISÃO DE LITERATURA

Quando o assunto a ser estudado é religião afro-brasileira nos deparamos com um vasto campo de trabalhos consistentes na área, trabalhos estes que nos orientam e servem de base para analisarmos essa temática. Dentro desta imensa literatura etnográfica se destacam diversos estudiosos, podemos citar como um dos precursores desses estudos, o médico legista Raimundo Nina Rodrigues. Tido como o fundador da antropologia criminal no Brasil, Rodrigues realizou seus estudos sobre a população negra e mesmo que criticado por adotar uma visão racista suas obras como *O animismo fetichista dos negros baianos* (1900) e *Os Africanos no Brasil* (1932) servem como ponto de partida para análise das questões sociais e culturais dos afrodescendentes ainda no final do século XIX.

Rodrigues relata uma supremacia iorubana nos cultos em Salvador, mas destaca que em *O animismo fetichista dos negros baianos* (1900) havia conhecimentos escassos sobre a mitologia iorubana: “Ao tempo em que publicamos os nossos primeiros estudos sobre o animismo dos Negros baianos, era ainda de todo insuficiente o conhecimento que possuíamos da mitologia iorubana tal qual existe na África” (RODRIGUES, 2010, p.241-242). Já no *Os Africanos no Brasil* (1932), o estudioso dedica um capítulo para tratar das sobrevivências da religião, mitologia e culto. E mesmo dedicando o capítulo para o estudo psicológico do sentimento religioso dos negros no Brasil, podemos observar uma descrição da mitologia africana e como estudiosos e missionários interpretavam as entidades nagôs. O próprio afirma também que existia uma supremacia dos nagôs, como também esses eram mais evoluídos do que os demais.

A mais atrasada seria a dos Tshis, a mais adiantada a dos Nagôs, intermediária a dos Geges. Uma vez reunidos no Brasil e dominando a língua nagô, naturalmente Geges, Tshis, e Gás adotaram imediatamente as crenças e cultos iorubanos. E como depois da iorubana é a mitologia gege a mais complexa e elevada, antes se deve dizer que uma mitologia gêge-nagô do que puramente nagô prevalece no Brasil. (RODRIGUES, 2010, p.256).

Em síntese o autor também afirma, segundo suas interpretações, que os povos mais atrasados eram os quais não cultuavam divindades nacionais, pois cada nação pequena adorava suas entidades próprias, com isso não tinha um culto estruturado. Os povos nagôs e jeje com seus cultos organizados garantiram o sucesso da sua religião e foram os únicos sobreviventes.

Outros autores posteriores a Nina Rodrigues também se dedicaram a escrever sobre o candomblé, descrevendo os cultos. Uma referência é Roger Bastide autor de *O Candomblé da Bahia* (1958) e Arthur Ramos, *O Negro Brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise* (1934). Outro autor bastante consultado e afamado é Pierre Verger, que através de seus estudos viaja para o continente africano nas terras iorubás. Se convertendo à religião torna-se babalaô em Keto, onde recebe o nome de Fatumbi, cujo significado é “aquele que nasceu de novo (pela graça) de Ifá”. Verger estudou os fundamentos históricos e mitológicos da cultura iorubá. Em sua obra *Orixás* (1981) mostrando os aspectos dos cultos aos orixás, os seus deuses e lugares de origem. Ele faz um quadro demonstrando como cada elemento que constitui o candomblé é interpretado na África Ocidental e aqui no Brasil, como orixás são entendidos nos dois espaços assim como todo o processo de iniciação.

Na sua obra *Lendas Africanas dos Orixás* (1997) se dedica a reunir as lendas recolhidas através das narrativas dos adivinhos babalaôs. Verger faz críticas a obra *Os Nagôs e a Morte* (1976) da antropóloga Juana Elbein, segundo Verger, há graves erros de interpretação da cultura africana, embora as obras de ambos os autores seja bastante consultadas por estudiosos na área. Ainda sobre essa mesma perspectiva pode-se citar os autores Reginaldo Prandi que se especializou em sociologia da religião e têm obras que retratam as religiões afro-brasileiras e inúmeros artigos, como também o professor da UFBA (Universidade Federal da Bahia) Vivaldo da Costa Lima dedicou a sua vida a estudar o candomblé Baiano tornando especialista na área. Diante deste vasto campo de estudos sobre as religiões afro-brasileiras a preocupação destes autores até aqui foi descrever e interpretar as atividades desse culto, logo sua origem, quando e como foi organizado oficialmente, quem foram seus fundadores, como são interpretadas as entidades, e descrever cada função que cada membro possui. Entretanto, muitas foram às mudanças e transformações que acometeram o candomblé ao longo dos anos, a começar pelos homens passarem a ocupar as lideranças de terreiros e a partir disso possuir o poder espiritual.

[...] nem sempre houve pais e mães e que, antigamente, o candomblé era, nitidamente, um ofício de mulher. Indicam-no, entre outras coisas, a necessidades de cozinhar as comidas sagradas, de velar pelos altares, de enfeitar a casa por ocasião das festas, de superintender a educação religiosa de mulheres e de crianças – serviços essencialmente domésticos, dentro de quatro paredes. Outro indício está na marcada preponderância da mulher na história dos candomblés (CARNEIRO, 2008, p.111).

Com o crescimento de inúmeros terreiros liderado por homens e mulheres, surge uma disparidade de poder entre esses líderes e, em casos pontuais os homens acabam se destacando mais que as mulheres. Um olhar sobre essa ótica ainda é carente, muito por se acreditar que o candomblé é uma religião nitidamente feminina, e que com isso sua participação não será fragilizada. Esta pesquisa terá como função investigar essa problemática, tentar entender as transformações existentes na sociedade atual.

Contudo Edison Carneiro em *Candomblés da Bahia* (1948) já nos revelava nos seus escritos uma concorrência entre os chefes do candomblé, porém não problematiza as relações de gêneros, o mesmo procura olhar as práticas de charlatanismo e como isso vinha contribuindo para a desmoralização do candomblé. Carneiro é um dos nomes referência ao se falar de religião afro-brasileira e suas obras servem de fio condutor para os estudiosos na área. Carneiro foi também um acompanhante fiel da etnografia feita pela antropóloga Ruth Landes na cidade de Salvador no passar dos anos 1938-1939. Graças a sua companhia que Landes consegue entrar em campo, tendo acesso aos terreiros e ganhando a confiança dos adeptos. Por mais que o campo de estudo fosse o mesmo a ser estudado Landes lança um novo olhar sobre esse campo, não se preocupa em analisar os ritos e as práticas da religião, realidade essa que já tinha sido explorada eficientemente pelos autores citados acima. Ela se interessa em analisar as pessoas envolvidas no sistema religioso, no entanto sua pesquisa abordava questões de raça, sexualidade e gênero. Ocorreram muitas críticas à pesquisa, considerada por cometer equívocos no que diz respeito à cultura brasileira, Landes nos mostra em seus escritos uma sociedade onde não existem conflitos raciais. “O Brasil me deu uma compreensão totalmente inesperada da facilidade com que diferentes raças poderiam viver juntas de maneira civil e proveitosa [...] Este livro acerca do Brasil não discute problemas raciais ali – porque não havia nenhum” (LANDES, 2002, p.2); e põe em evidência o poder das mulheres no candomblé, relatando que as mesmas tinham total domínio das atividades religiosas e também política.

Em muitos trabalhos que buscam narrar a história da mulher no candomblé quase sempre se busca retratar a sua ancestralidade africana para construir essa identidade feminina, e são através da cosmologia da religião que é traçados os caminhos para compreender os papéis que cada pessoa possui e as relações de poder construídas. Através da mitologia dos orixás podemos perceber as transferências dos signos contidos para a vida religiosa e social. Em *A roda das Donas: A mulher negra no candomblé*, de Vanessa Soares da Silva, a autora apresenta as vivências e experiências das mulheres negras do candomblé. Para isso retrata o

seu cotidiano onde os seus papéis sociais ganham novos significados inspirados pelos mitos femininos da cultura iorubá através da imagem das ayabás. E apresenta também as principais características ritualísticas do candomblé e o espaço de poder da mulher e sua participação. Trazer essa reflexão é importante para mostrar através da figura das deusas do candomblé arquétipos social do feminino que foge do padrão ocidental e possibilita essa deusa africana ser mãe, vilã e guerreira (BASTOS, 2011 p.70 apud LIMA, 2014).

Essa relação também é feita por Terezinha Bernardo em *Negras, Mulheres, Mães –Lembranças de Olga do Alaketu*, onde mostra a construção da identidade feminina africana e o que isso influenciou na nossa sociedade apresentando como a independência da mulher africana se dava e como tinha livre acesso às ruas mesmo vivendo em uma sociedade patrilinear.

5. JUSTIFICATIVA

Esse projeto tem como proposta analisar a relação entre os gêneros e compreender como a disputa de poder entre os homens e mulheres acontece na religião de matriz africana, partindo do fato de que as mulheres foram historicamente reprimidas e tiveram seus direitos vetados dentro da sociedade patriarcal que vivemos. Compreendo que existe uma linha hierárquica muito nítida em que nós estamos abaixo dos homens, tanto do modelo hegemônico (branco, heterossexual, classe média) como do homem negro, e ainda estamos uma escala abaixo das mulheres brancas.

A necessidade de se fazer esse estudo se dá pelo fato de perceber que a conquista das mulheres negras em ser detentora desse espaço conquistado vem atualmente sendo palco de uma nova disputa a começar com inserção dos homens nestes postos, além de lutar contra a um conjunto de opressões que lhes acometem.

Essa análise é pertinente no meio acadêmico, pois possibilita que esse conhecimento seja divulgado com a finalidade de agregar novos conhecimentos na área. O tema sobre as religiões afro-brasileiras é bastante pesquisado e se tem trabalhos consagrados e consistentes. Isso se deve ao aumento dos negros nas universidades e da necessidade de se construir trabalhos que falem de si próprio e das suas experiências que por muitos anos foram construídas sobre o olhar do outro. Ele servirá de objeto de estudo para outros pesquisadores que tenham interesse em abordar essa temática.

Para mim esse estudo é de extrema relevância, pois irá me ajudar a entender como esse emaranhado de ideias se estabelece e influencia a sociedade em que vivo. Na qual é notável essa manifestação religiosa que resiste de maneira sigilosa, pois a estigmatização e o preconceito infelizmente ainda é muito persistente. E ainda assim possuo a facilidade de estar em campo para realizar as pesquisas, partindo do pressuposto que o lugar a ser analisado é a cidade que nasci e vivo ainda hoje. Essa pesquisa é de grande valor social, pois possibilitará a comunidade santamarense conhecer sua história de outra ótica. História essa que é velada por preceitos de cunho racistas.

6. QUADRO TEÓRICO

Neste trabalho irei analisar a problemática levantada a partir dos conceitos: gênero, relação de gênero e poder, pois se faz necessário destrinchar essas percepções aqui para analisar a realidade vigente.

Ao longo dos séculos a palavra gênero e sexo eram usados como sinônimos para descrever características de comportamentos sexuais. Eram esperados que de acordo com o sexo biológico os sujeitos assumissem papéis estabelecidos pela sociedade. (ex. para as mulheres exigem que sejam sensíveis, se preocupem com a aparência, sejam ótimas donas de casa e mães etc. para os homens que sejam corajosos, machões, o provedor da família etc.). (SCOTT 1989)

O termo “gênero” começou a ser utilizado pelas feministas no seu sentido literal referindo-se a organização social da relação entre os sexos. (SCOTT 1989)

E como indica Joan Scott (1989, p.3) foram elas que começaram a utilizar o termo neste sentido:

No seu uso mais recente, o “gênero” parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”.

Falar de gênero é falar sobre as relações sociais entre os sexos, assim como essas relações são construídas e como são empregados os papéis sociais destinados a cada sujeito. A construção desses papéis se dá a partir do contexto social, político e religioso que são reproduzidos pelos indivíduos, no qual as regras ditadas serão apresentadas pelo poder hegemônico, no qual as mulheres e nem o povo negro fazem parte.

Scott (1989) assinala que é preciso também analisar a relações marcadas pelo poder, pois elas vão afirmar os estereótipos de papéis determinados pelo sistema de poder que é influenciado diretamente pelo poder econômico, ideológico e político, como explica Bobbio (2000, p.162-163):

O primeiro é aquele que se vale da posse de certos bens necessários [...] para induzir aqueles que não os possuem a ter uma certa conduta [...] o poder ideológico funda-se sobre a influência que as ideias formuladas de um determinado modo, emitidas em

determinadas circunstâncias, por uma pessoa investida de uma determinada autoridade, [...] sejam eles os sacerdotes, [...] sejam eles os intelectuais ou os cientistas [...] o poder político, enfim, funda-se sobre a posse dos instrumentos através dos quais se exerce a força física (armas de todo tipo e grau): é o poder coativo no sentido mais estrito da palavra.

O autor também afirma que essas três formas de poder é que consiste para a manutenção das desigualdades de uma sociedade o que implicaria afirmar que consolidação desses poderes é que vai estabelecer as funções e papéis do indivíduo que vão ser perpetuados perante as gerações.

Passando essa discussão de gênero para o candomblé BIRMAN (1991) explica que o gênero nessa religião se expressa através das concepções básicas do universo do próprio adepto e a partir da hierarquia religiosa que se manifesta na divisão de papéis na família de santo. E que o contato que o indivíduo tem com o mundo espiritual, principalmente com a possessão reflete também sobre a sua definição de gênero, particularmente nos indivíduos do sexo masculino. Então supõem que a partir da possessão ocorrerá uma diferenciação entre os gêneros, principalmente com os indivíduos do sexo masculino que quando entram em transe se afasta da sua masculinidade. “A possessão não só pertencia exclusivamente às mulheres, como afetava o gênero dos homens que nela se aventurassem. E mais: os homens que não praticavam a possessão não pertenciam ao mesmo gênero desses outros, os filhos-de-santo dos terreiros”. (BIRMAN, 1991, p. 48) com isso só existiria duas opções para os adeptos do sexo masculino na religião, a condição de pai ou filho de santo e aquele exterior as relações e que não experimentariam as possessões que no caso poderia ser um ogã.

7. METODOLOGIA

A pesquisa a ser realizada é de caráter qualitativo com o intuito de compreender e interpretar a realidade a ser analisada, realidade essa que não pode ser quantificada, por se tratar da experiência de vida das pessoas, de como elas interage e constrói os sentidos. E diante dos meus objetivos classifico essa pesquisa como exploratória, segundo Gil (1991, p.45), “Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a tomá-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. Com isso a intenção aqui é apurar as ideias e os juízos feitos.

Para a realização da mesma é necessário que se escolha os métodos mais adequados para a coleta dos dados. Como pretendo ter uma descrição mais completa possível do universo a ser estudado, as ferramentas que pretendo utilizar tem uma conduta etnográfica. Oliveira (2008) nos mostra que essa abordagem possibilita a combinação de várias técnicas, nas quais podemos citar: observação, entrevistas, história de vida, análise de documentos, vídeos, fotos, etc. Diante das diversas opções selecionei as quais julguei mais adequadas para a minha pesquisa. De início farei um levantamento de dados com diversas fontes, que de acordo com Marconi e Lakatos (2003) se faz necessário, independente dos métodos escolhidos é indispensável, tanto por trazer conhecimentos da área a ser estudada, tanto para evitar possíveis repetições e nos orientar para outras fontes de coleta. O levantamento de dados, que já realizei uma boa parte, se dá através de pesquisas bibliográficas compostas principalmente de livros, teses e artigos científicos, de autores que produziram materiais hoje referência na área a ser estudada. Venho fazendo e continuarei as pesquisas documentais junto ao NICSA (Núcleo de Incentivo Cultural de Santo Amaro) que reúne um acervo documental da cidade de Santo Amaro e no centro de documentação de Santo Amaro, organizado pelo historiador memorialista Raimundo Artur. Nestes dois centros buscarei fontes documentais como, por exemplo, fotografias, cartas, filmes, diários, autobiografias dentro outros que ache pertinente.

Com o levantamento bibliográfico realizado, serão empregadas as demais técnicas de coleta de dados conforme a natureza da minha pesquisa, assim sendo realizarei entrevistas, segundo Marconi e Lakatos (2003, p.195) “A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”. Perante as suas classificações usarei o método de

entrevistas semi-estruturadas, que como afirma Oliveira (2008) esse tipo de entrevista possibilita maiores chances de entendimento das questões estudadas, uma vez que permite também a relativização dessas perguntas, proporciona liberdade ao entrevistado e permite o surgimento de novos questionamentos não previsto pelo pesquisador. Dessa maneira as perguntas a serem realizadas por mim nas entrevistas serão feitas conforme a conversa for acontecendo, preservando a espontaneidade do processo. Buscarei ouvir as histórias de vida das/os entrevistadas/os e pontuarei assuntos que pretendo estudar de forma mais natural possível.

O pesquisador/a deve determinar o seu grau de envolvimento com a pesquisa, de acordo com as classificações feitas pela posição tomada, o lugar que pretendo me assumir corresponde com o de participante como observador, como nos fala Oliveira (2008): “No papel de participante como observador, [...], o pesquisador teve o prévio consentimento por parte da comunidade a ser observada. Os sujeitos, neste caso, sabem do caráter científico do estudo, podendo haver acordos, algumas obrigações e promessas, discutidas antes do início da pesquisa”. Deste modo pretendo participar do cotidiano dos sujeitos, com o propósito de analisar as atividades do seu dia a dia; para assim obter mais conhecimentos e entender como são construídos os discursos sobre os papéis de poder assumidos pelo gênero no âmbito dos terreiros estudados.

REFERÊNCIAS

- BAHIA. Governo do Estado. Secretaria de Promoção da Igualdade Racial – SEPROMI. **Mapeamento dos espaços de Religião de Matriz Africana do Recôncavo**. 1ª Edição - Salvador; 2012.
- BAHIA. Secretaria de Cultura. Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. **Bembé do mercado**. – Salvador: fundação Pedro Calmon, 2014.
- BERNARDO, Teresinha. O Candomblé e o Poder Feminino. **Revista de Estudos da Religião** N° 2, p. 1-21, 2005. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_bernardo.pdf>. Acesso em 23/10/2016.
- BOBBIO, Norberto. **Teoria Geral da Política**. 1. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000. 720 p.
- BIRMAN, Patrícia. **Relações de Gênero, Possessão e Sexualidade**. PHYSIS - Revista de Saúde Coletiva Vol. 1, Número 2, 1991.
- CARNEIRO, Edison. **Candomblés da Bahia**. Apresentação e notas de Raul Lody – 9º ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008 – (Raízes).
- COSTA LIMA, V. da. **O conceito de "nação" nos candomblés da Bahia**. Afro-Ásia, Salvador, n. 12, p. 65-90, 1976 . Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20774/13377>> Acesso em: 04//10/2016.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed. – São Paulo: Atlas 2003.
- LANDES, Ruth, 1908-1991. **A cidade das mulheres**. Tradução de Maria Lúcia do Eiraldo Silva; Revisão e notas de Edison Carneiro. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- LIMA, Élide Regina Silva de. **Mulheres do Axé: A liderança feminina nos terreiros de candomblé**. In: XVIII Encontro Internacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero. Recife, 2014. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/view/731/859>> Acesso em: 28/10/2016.
- MACHADO, Ana Rita Araújo. **Bembé do Largo do Mercado: memória sobre o 13 de maio**. 2009.133.p. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos. Salvador, 2009.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. **Um apanhado teórico conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características.** Travessias - Vol. 2, Número 3, 2008

PAIM, Zilda. **Relicário Popular.** Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo. EGBA, 1999. 274 p.: il – (Coleção Apoio,42).

RODRIGUÉ, Maria das Graças de Santana. **Orí Àpéré Ó: O ritual das águas de Oxalá.** São Paulo: Summus, 2001. 97 p.

RODRIGUES, Raymundo Nina. **Os africanos no Brasil.** Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em 10/12/2016.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análises históricas.** O gênero e a política da história. Nova York, Columbia University Press. 1989. 35 p.

SILVA, Vanessa Soares da. **A roda das donas: a mulher negra no candomblé.** 2010. 118 p. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana. Rio de Janeiro, 2010.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás.** 6. Ed. - Salvador: Corrupio. 2002.